

Associação Nacional de História – ANPUH

XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

Semeador da história, do patrimônio e dos museus: o pensamento museal de Sérgio Buarque de Holanda

Giselle Laguardia Valente *

Resumo: Entendendo os museus e o patrimônio cultural como narrativas e práticas sociais, a pesquisa examinará o pensamento e a ação de Sérgio Buarque de Holanda em relação à construção de certa tradição museológica e patrimonial no Brasil. O presente trabalho objetiva analisar os marcos através dos quais o intelectual brasileiro elaborou seu trabalho de memória, tentando verificar em suas narrativas e em sua trajetória as relações entre patrimônio e memória social.

Palavras-Chave: Sérgio Buarque de Holanda, Museu Paulista, patrimônio, memória e museus.

Resume: Par une compréhension des musées et du patrimoine culturel comme des récits et des pratiques sociales, la recherche va examiner la pensée et l'action de Sérgio Buarque de Holanda par rapport à la construction d'une certaine tradition muséologique et patrimoniale au Brésil. Ce travail a pour objectif d'analyser les marques à travers lesquelles l'intellectuel brésilien a développé son travail de mémoire, en essayant de vérifier dans ses narratives et sa trajectoire les rapports entre patrimoine et mémoire sociale.

Palavras-Chave: Sérgio Buarque de Holanda, Museu Paulista, patrimoine, mémoire et musées.

Introdução

Nosso interesse pela análise do pensamento museológico de Sérgio Buarque de Holanda, se dá pela percepção da existência de uma significativa relação entre suas obras teóricas e práticas e o campo museal. Identificando-o como intelectual de ampla envergadura, a pesquisa investe na compreensão de como ele percebe, pensa e pratica a museologia, bem como sua contribuição na construção do campo do patrimônio cultural no Brasil.

Em outros termos, a pesquisa se justifica pela possibilidade de identificar a inserção desse intelectual brasileiro no jogo entre esquecimento e memória e seu papel de “semeador” e difusor de memórias e esquecimentos. Homem de ação política e cultural

¹*Docente do Centro Universitário de Caratinga/UNEC, mestre em História pela UFMG, doutoranda em Memória Social do Programa de Pós-Graduação do CCHS/UNIRIO e bolsista da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro - FAPERJ .

dirigiu instituições culturais, envolveu-se com projetos educativos e instituidores de dispositivos de proteção do patrimônio cultural.

Numa primeira aproximação pode-se afirmar da existência de um conjunto de estudos que se ocupam da obra de Sérgio Buarque de Holanda, em aspectos relacionados ao historiador da cultura material, das representações das mentalidades, do analista das instituições brasileiras, da visão política, de sua verve de crítico-literário e sua inserção no movimento modernista de 1922. Entretanto, a atuação do historiador no campo da museologia não nos parece privilegiada nas análises empreendidas pela produção teórica do pensamento brasileiro. Consideramos pertinente privilegiar esse recorte na trajetória de Buarque de Holanda, que nos permitirá a identificação das matrizes museais e possibilitará a compreensão das práticas e do pensamento museal a ele circunscrita.

Esse artigo corresponde à comunicação de parte dos resultados de pesquisa em andamento, cujo projeto se circunscreve ao período que vai da década de 1940 até os anos 1950, quando foi intensa a atividade do intelectual elencado, tendo como foco sua gestão no Museu Paulista (1946-1956), realizando a descrição e análise do seu projeto de memória e as disputas políticas que suas escolhas envolveram. Uma primeira leitura de suas obras permite levantar algumas questões, tais como: de que maneira podemos relacioná-las com sua atuação no campo do patrimônio e dos museus? Como Buarque de Holanda, um intelectual de idéias e de ação construiu sua experiência museal? Que tipo de reconstrução do passado propunha para o Brasil e para São Paulo? Que representações sociais preconizava no Museu Paulista?

Nesse sentido, construímos a hipótese de que nosso intelectual inaugurou matrizes museais, estabeleceu conceitos nos anos 40 e 50 que dialogam com novos entendimentos do museu como centro cultural, onde educação, pesquisa, lazer, programação cultural e atividades comerciais juntam-se para produzir novas relações entre instituição, acervo, profissionais e usuários. *Caminhos e Fronteiras*, publicado em sua primeira edição, em 1956, é uma fonte riquíssima para ser utilizada como referência básica para o trabalho, na medida em que o autor estuda a vida material dos bandeirantes paulistas e dos ameríndios nos primeiros tempos da colonização do Brasil e escreve-o durante o período de sua gestão no Museu Paulista.

A memória entre-lugares: nos caminhos e nas fronteiras da cultura brasileira

O livro *Caminhos e Fronteiras* (1956) de Sérgio Buarque de Holanda foi indicado em nosso projeto de pesquisa como uma fonte a ser trabalhada, pelo viés da análise do discurso, na tentativa de verificar em sua narrativa as marcas discursivas evidenciadoras de sua contribuição para a construção do campo da memória social no Brasil.

Optamos por um *corpus* circunscrito à introdução da referida obra, para empreender o exercício a que nos propomos: o profícuo entrecruzamento da memória e do discurso como caminho para análise da materialidade discursiva da escrita buarquiana. Nesse sentido, tomaremos o texto a partir da questão do sujeito, mostrando o contexto no qual Sérgio Buarque escreveu *Caminhos e Fronteiras*, pensando nas formações ideológicas que lhe são correspondentes. O aspecto que tomaremos aqui se refere à visão de que o discurso produzido pela intelectualidade brasileira daquele contexto, no caso o discurso produzido por Sérgio Buarque de Holanda, desempenha um papel na construção da vida social, e, portanto evidencia a forma como compreende o mundo social. Não é o interesse aqui, uma análise exaustiva das teorias do discurso e seu funcionamento, mas evidenciar a possibilidade de elaboração de um discurso crítico do autor, diferente do discurso dominante, constituído a partir dos conflitos e das contradições existentes na realidade brasileira, por ele detectados.

Quando o discurso passa a ser abordado em função de sua movência, de sua fluidez e, paradoxalmente, de sua permanência, de sua relação com o social, com as formas de poder e com as constrictões de alguns campos de força, ou seja, quando passa a ser esquadrihado em sua construção e revela as forças que regulam seu funcionamento e as condições ideológicas de sua emergência, vislumbram-se as possibilidades e a riqueza que sua análise traz para a compreensão das construções memoriais, identitárias e culturais que nações, grupos, povos e comunidades projetaram para si, no presente e para os demais, no futuro. (OLIVEIRA & ORRICO, 2005:p.87)

É nessa perspectiva que compreendemos o texto desse intelectual: um texto em ação, no caminho e na fronteira, em situação de movência e fluidez, tal como ele percebia a cultura brasileira. O autor revela em seu texto questões que mobilizavam suas investigações no campo museal e patrimonial, estimulado pela existência do perigo de apagamento da memória e do discurso político dominante que via a cultura brasileira como um amálgama daquela dos colonizadores europeus.

A escolha de *Caminhos e Fronteiras*, em meio ao mar de possibilidades que a produção de Sérgio Buarque de Holanda nos oferece, se deu por um conjunto de características que a obra carrega: foi escrito no período que coincide com o de sua administração no Museu Paulista; sua publicação foi feita no ano que o diretor encerra suas atividades na instituição; integra o conjunto da obra do historiador a partir de um recorte e

um desdobramento inscritos na vida material, como uma esfera de possível percepção da existência da circularidade cultural entre adventícios e ameríndios, intercuro cultural que aponta as direções (caminhos) e os limites (fronteiras) de nossa cultura. Os ensaios que compõem o livro constituem um conjunto de estudos publicados pelo autor em revistas nacionais e estrangeiras, conferências realizadas, que versavam sobre São Paulo na dimensão de sua vida material. O próprio autor, na introdução, indica o livro como resultante do esforço em reuni-los:

Todos esses escritos deveriam ser em muitos pontos refeitos para que alcançasse uma plausível unidade o que fora pensado, redigido e publicado de forma fragmentária. Essa preocupação de unidade presidiu, aliás, à organização, não apenas dessa parte, mas de todo o volume. A própria divisão em três seções distintas procura, nele, obedecer a uma seqüência natural. (HOLANDA: 1994, p. 12)

O rigor metodológico que o enunciado demonstra, é um legado do historiador em estudo, já muitas vezes apontado por seus analistas. É interessante observar também as motivações que o levaram a se debruçar sobre o tema:

A acentuação maior dos aspectos da vida material não se funda, aqui, em preferências particulares do autor por esses aspectos, mas em sua convicção de que neles o colono e seu descendente imediato se mostraram muito mais acessíveis a manifestações divergentes da tradição européia do que, por exemplo, no que se refere a instituições e sobretudo à vida social e familiar em que procuraram reter, tanto quanto possível, seu legado ancestral. (HOLANDA: 1994, p. 12). (grifos nossos)

Como dever de ofício, sustenta não um gosto pessoal, mas a necessidade que a própria fonte impunha, a força dos objetos/documentos para o estudo da formação cultural brasileira. Além disso, segundo nosso entendimento, demonstra um posicionamento ético do autor. O “historiador nas fronteiras” – no entre-lugar da história e da literatura –, como sugerem os textos organizados por Pesavento (2005), propõe um olhar para a fluidez cultural do colono em situação de caminhante, que se movimentava em condições de se abrir para o outro e dele absorver novos hábitos culturais. Se examinarmos as correntes historiográficas em voga nos anos 1950 no Brasil, veremos confirmar-se nossa hipótese de que seu discurso difere do dominante.

O discurso metafórico e imagético adotado por Sérgio Buarque de Holanda é sempre um “convite metodológico” às suas interpretações, que ampliam o conhecimento do processo de formação cultural brasileira. A escolha do título, dessa e outras de suas obras,

merece nossa atenção. Sobre a conjunção de diferenças nos textos sergianos, Antônio Cândido faz uma referência no prefácio de *Raízes do Brasil*, que julgamos elucidativa, percebendo-a como um método que “repousa sobre um jogo de oposições e contrastes, que impede o dogmatismo e abre campo para a meditação de tipo dialético”(HOLANDA: 1995.). Finazzi-Agro (2005), dessa preferência pelos antônimos e oximoros por parte do historiador paulista, analisa que “no encontro ou no choque, na cópula ou na disjunção entre significantes diversos parece encontrar seu significado – sentido terceiro, dobrado na relação entre coisas diferentes”. (FINAZZI-AGRO: 2005, p.145). É para essa reflexão que nos dirigimos agora, ouvindo mais uma vez o historiador paulista:

Se o aceno ao caminho, “que convida ao movimento”, quer apontar exatamente para a mobilidade característica, sobretudo nos séculos iniciais, das populações do planalto paulista – em contraste com as que, seguindo a tradição mais constante da colonização portuguesa, se fixaram junto à marinha – o fato é que essa própria mobilidade é condicionada entre elas e irá, por sua vez, condicionar a situação implicada na idéia de “fronteira”. Fronteira, bem entendido, entre paisagens, populações, hábitos, instituições, técnicas, até idiomas heterogêneos que aqui se defrontavam, ora a esbater-se para deixar lugar à formação de produtos mistos ou simbióticos, ora a afirmar-se ao menos enquanto não a superasse a vitória final dos elementos que se tivessem revelado mais ativos, mais robustos ou melhor equipados. (HOLANDA: 1994, p. 12-13)

Nesse recorte, chama-nos a atenção as metáforas que estruturam o texto buarquiano. O autor utiliza metáforas que refletem a linguagem do dia-a-dia trazendo novas compreensões da experiência cultural brasileira, dando um novo sentido ao nosso passado cultural. Lakoff e Johnson (2002) postulam a importância da metáfora em nosso aparato cognitivo, em nossa compreensão do mundo, da nossa cultura e até de nós mesmos. Nessa medida: “(...) a metáfora é parte tão importante da nossa vida como o toque, tão preciosa quanto.”(LAKOFF E JOHNSON: 2002, p.358). A utilização da palavra “fronteira” é feita por Buarque de Holanda a partir de acepção distinta daquelas utilizadas nos textos da primeira fase da colonização do Brasil, ou nos trabalhos de Turner, um clássico da historiografia norte-americana sobre os *pioneers*. A especificidade do caso brasileiro, da forma como a concebe, sugere um rigor na utilização do termo que precisa ser “bem entendido”.

O autor, portanto, constrói em sua narrativa um novo sentido à formação cultural brasileira. Como estrela de primeira grandeza da intelectualidade da época, o trabalho de Sérgio estava imbuído da “missão” de buscar o “sentido” do Brasil e de definir as estratégias para o seu futuro como nação moderna. A busca deste caminho estava presente no debate

político que empreendiam, e o que surpreende em seu texto, é sua insistência em encontrar “caminhos” próprios que correspondessem à especificidade histórica e cultural do país. Seguindo os rastros, as pistas, os sinais, os indícios da dinâmica de uma relação entre universos histórico-culturais aparentemente incongruentes e heterogêneos, o historiador busca os “produtos mistos ou simbióticos” na cultura material que indicassem uma harmonização possível, as compatibilidades, os lugares-comuns desses cruzamentos entre colonizadores e ameríndios.

Nesse sentido, a história contada por Sérgio Buarque é de desconstrução de identidades, em contraposição ao que propugnavam as orientações historicistas então em voga. Como anuncia na introdução do livro *Caminhos e Fronteiras*, “até idiomas heterogêneos” aqui se defrontavam. Nesse quesito, vale dizer que ele indica formações discursivas instauradoras de diferenças e desigualdades de saberes em seu interior. Ou seja, introduz algo novo nas análises do processo civilizador da Metrópole portuguesa, que diz respeito ao que Pêcheux (1988) definiu como *interdiscurso*. O modelo de análise discursiva da escola francesa permite que, por analogia, percebamos no texto de Sérgio que “se há um complexo de formações discursivas ligadas entre si, há igualmente um complexo de formas-sujeito também ligadas entre si e a desidentificação conduz à identificação com alguma destas outras formas-sujeito”.(INDURSKY: 2000, p.74)

O historiador nessa obra trabalha com a idéia de que esse processo abriga a diferença, a divergência, a heterogeneidade. Nessa medida, não há uma identidade dada a *priori*, mas em constante processo que termina (ou não termina nunca) “na vitória final dos elementos que se tivessem revelado mais ativos, mais robustos, melhor equipados”. Ele sabe, como também nós, que a cultura indígena foi historicamente dizimada e silenciada pela cultura européia, mas trabalha com a possibilidade de existência de trocas culturais. Especialmente se pensarmos a questão da trajetória de institucionalização da língua portuguesa no Brasil, o trabalho de Mariani (2004) é eficaz, na medida em que nos apresenta a singularidade da colonização e a imposição da língua portuguesa em relação à heterogeneidade lingüística existente, do século XVI ao XVIII, no Brasil, mostrando o paradoxo do crescente uso da língua geral somado ao início de uma produção escrita não controlada pelo poder real, como “um elemento inibidor da colonização nos moldes pretendidos por Portugal.”(MARIANI: 2004, p.23).

Essa heterogeneidade, silenciada pela “ideologia da homogeneização lingüística”, é que o autor de *Caminhos e Fronteiras* sublinha. Pesquisando nos Relatórios Anuais de sua administração no Museu Paulista, verificamos que na seção de Documentação e Lingüística

destinada a trabalhos internos de pesquisa, exegese de textos, coleta e seleção de material relativos à lingüística americana, ele projetava, para o ano de 1948, a instalação de uma sala “consagrada ao pai da lingüística indígena brasileira”, José de Anchieta.

Nesse sentido, é que destacamos a relevância desse historiador, que manifesta um trabalho cuidadoso de memória, tirando teimosamente do esquecimento “outras histórias”. Iniciativa, que julgamos pertinente indicar foi a realizada pela Seção de Lingüística e Documentação: uma viagem de estudos a Peruíbe, no litoral paulista, com o objetivo de entrar em contato com os remanescentes das tribos *guaranis* lá existentes. Sérgio Buarque expressa o desejo de no futuro poder gravar em disco o guarani e o português falados por aqueles índios: “(...) De qualquer modo seria essa uma oportunidade rara para se fixarem formas lingüísticas em transcrição, fadadas a próximo desaparecimento, de um povo que tão notável papel desempenhou na formação histórica do Brasil e sobretudo de São Paulo.”² Na análise de Bessa Freire (2004):

Buarque de Holanda, referência obrigatória para os estudiosos da matéria, foi o primeiro historiador a tratar da questão (...) Sua maior contribuição talvez tenha sido desconstruir a representação que se tinha, até então, de uma unidade lingüística nacional desde 1500, com base no português. (...) Do ponto de vista teórico e metodológico, teve ainda o mérito de apontar alguns caminhos, vinculando a expansão da língua geral paulista ao recrutamento da força de trabalho indígena – através da ação dos bandeirantes (...). (BESSA FREIRE: 2004, p.34)

Vale lembrar que a produção no campo da história social das línguas cresceu de maneira significativa, com a criação, em 1947, do Setor de Lingüística do Museu Paulista, sob a direção de Sérgio Buarque de Holanda. Os estudos ali circunstanciados contribuíram para que fossem tiradas do esquecimento a língua geral amazônica e a língua geral paulista.

Considerações finais

Para concluir nosso trabalho, ressaltamos que o discurso do autor pode ser considerado “fundador”, pois traz novas ancoragens e referências à memória daquilo que identifica a cultura brasileira. Como lócus privilegiado para investigação das memórias que conectam passado e presente, a linguagem construída por Sérgio Buarque de Holanda é tecida no viés do “inter-dito”, de qualquer verdade estabelecida pelo discurso dominante.

² Relatório anual do ano de 1955 de 14 de janeiro de 1956. APMP/FMP – L-39. p. 17.

O empreendimento de análise de seu discurso posicionou-nos apenas no início do caminho, daquilo que propõe para a história cultural. *Caminhos e Fronteiras* evidencia o movimento do processo histórico a partir da cultura material (frechas, feras, febres, monjolos, arados, redes e redeiras) e do cotidiano, que Sérgio Buarque de Holanda via musealizado no Museu Paulista.

Ao situar a memória no entre-lugar, corremos o risco do anacronismo já que essa é uma expressão comumente utilizada para inscrever o universo movente das identidades na pós-modernidade.³ Aceitamos o risco, por entender que Sérgio Buarque de Holanda enfrentou, no campo teórico, o desafio de tornar evidentes os signos do lugar, propondo olhar os caminhos e as fronteiras da experiência cultural brasileira, “tocando o futuro do lado de cá”, semeando novas percepções da cultura brasileira.

Bibliografia

- BESSA FREIRE, J. R.. A história de um esquecimento. In : *Rio Babel – a história das línguas na Amazônia*. Rio de Janeiro : Atlântica, 2004. p. 15-40.
- BHABHA, H.K. *O local da cultura*. Belo Horizonte : Ed. UFMG, 1998.
- FINAZZI-AGRÒ, E. A trama e o texto. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy (org.) *Um historiador nas fronteiras: o Brasil de Sérgio Buarque de Holanda*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005, p. 143-159.
- HOLANDA, Sérgio Buarque. *Caminhos e fronteiras*. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras. 1994.
- HOLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. 26 ed. São Paulo: Companhia das Letras. 1995.
- INDURSKY, F. A fragmentação do sujeito em análise do discurso. In : INDURSKY, Freda e CAMPOS, M. Do Carmo (orgs). *Discurso, memória, identidade*. Porto Alegre : Ed. Sagra Luzzatto, 2000. p.70-81.
- LAKOFF, G. & JOHNSON, M. *Matáforas da vida cotidiana*. Coordenação de tradução Maria Sophia Zanotto. Campinas, SP : Mercado de Letras ; São Paulo : EDUC, 2002. Coleção as Faces da Linguística Aplicada.
- MARIANI, B. *Colonização Lingüística*. Campinas, SP : Pontes, 2004.
- OLIVEIRA, C. I. Correia de & ORRICO, E. G. D. Memória e discurso : um diálogo promissor. In : GONDAR, J. & DODEBEI, V. (orgs). *O que é memória social ?* Rio de Janeiro : Contracapa Livraria/Programa de Pós Graduação em Memória Social da Universidade Federal de Estado do Rio de Janeiro/UNIRIO, 2005.
- PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Ed. UNICAMP, 1988.

³ Para Bhaba (1998), o contexto pós-moderno seria o da negociação das diferenças intersubjetivas e coletivas da nação, e estar “no além, portanto, é habitar um espaço intermediário (...) é ainda ser parte de um tempo revisionário, um retorno ao presente para redescrever nossa contemporaneidade cultural; reinscrever nossa comunidade humana, histórica; tocar o futuro do lado de cá”. p. 27.

PESAVENTO, S. J. (org.) *Um historiador nas fronteiras: o Brasil de Sérgio Buarque de Holanda*. Belo Horizonte: UFMG, 2005.